

Editorial

A segunda edição da *r@u* apresenta aos leitores um itinerário que tem início numa ópera amazônica, cujas personagens não são as típicas figuras do *Dramma per musica* ou da *Favola* européias, e que tampouco nos falam de um *anti-herói* marioandradiano. O artigo de Laymert Garcia dos Santos retrata o projeto de criação de uma ópera multimídia a partir de uma parceria que envolve indígenas Yanomami, o centro de arte e tecnologia ZKM¹ e acadêmicos – como o próprio autor, e o filósofo alemão Peter Sloterdijk. *In scena* estão a Amazônia e o futuro da floresta.

Por que uma ópera? Alguns se perguntarão.

Laymert Garcia dos Santos demonstra que a questão vista pelos olhos de atores indígenas como Davi Kopenawa é justamente esta: Como fazer com que os brancos ouçam e entendam o que temos a dizer? De nossa parte, o desafio se refere à necessidade de ir além dos muros da academia. Ou seja: Como tornar públicas as *coisas*?² Ora, nada melhor que empregar os *meios* e foros mais cultivados pelo ideário artístico “Ocidental” para fazer com que entrem pela porta da frente, e não apenas como parte constituinte da platéia, os atores que costumamos relegar aos museus etnológicos. O que teriam a dizer a respeito de temas tais o impacto ambiental da construção de hidrelétricas, do extrativismo desenfreado, das monoculturas de soja...?

Esses são temas que, no mais das vezes, despertam nosso interesse como “objetos de conhecimento.” Resta *levar a sério* a tarefa de (re)conhecer as “assimetrias” que permeiam os nossos modos de vida e politizar o debate antropológico de modo a fazer com que a máxima “os nativos com quem estudamos” seja algo mais que uma praxe textual. Aos céticos e *velhos do Restelo*, fica o convite para que se conceba uma posição acadêmica que não seja nem a do sacerdote, tampouco a do profeta, mas quiçá a de ator-participante e não apenas de espectador-comentarista.

Da ópera aos jardins amazônicos...

O artigo de Philip Compton se inspira numa bela formulação de Marcel Mauss³ para descrever as técnicas de horticultura indígena responsáveis pela produção e fertilidade das Terras Pretas da Amazônia. Compton articula observações etnográficas junto a indígenas Kayapó e Ka’apor em face das pesquisas da pedologia, biologia e geografia que tem se ocupado da ecologia amazônica, delineando de que modo cada

uma dessas abordagens trata a atuação humana na construção e manutenção das roças (*jardins*) que os povos indígenas cultivam em toda a floresta.

A seção de artigos prossegue com um interessante trabalho de Ana Paula Serrata Malfitano e Ana Cláudia Rodrigues Marques. As autoras problematizam a situação de campos etnográficos nos quais a entrevista se coloca como método que orienta e municia a pesquisa antropológica. Para tanto, relatam suas pesquisas com pessoas *sans domicile fixe* (ou em situação de rua) na França e no Brasil. O artigo seguinte, de Gil Vicente Lourenção, propõe uma reflexão a respeito da noção de *casa* por intermédio de sua etnografia junto a praticantes de esgrima japonesa (*Kendo*). O ensaio de Wellington Teixeira Lisboa encerra a seção com um balanço bibliográfico acerca dos fluxos migratórios de portugueses para o Brasil e seu retorno a Portugal como *brasileiros de torna-viagem*.

Em virtude da controvérsia que se estabeleceu com a recente aprovação pelo governo brasileiro do uso religioso da ayahuasca,⁴ a *ra@u* traz aos leitores uma seção inteiramente dedicada à questão. O artigo de Beatriz Caiuby Labate analisa a reportagem de capa de uma revista de circulação nacional, demonstrando de que modo a imprensa tem tratado o assunto ao corroborar para a conformação de um juízo que singulariza a questão do uso de substâncias reconhecidas como “drogas” (e afins) como um problema social, político e moral que deveria ser remediado pela polícia e pelo Estado.

Marcelo Mercante, por sua vez, oferece ao leitor uma etnografia do universo cultural e simbólico da Barquinha, religião ayahuasqueira localizada em Rio Branco, Acre, na qual se realizam, entre outros rituais, trabalhos de “cura.” O foco da investigação é o papel das visões (*mirações*) obtidas pelo uso ritual da ayahuasca em processos de conscientização em situações de enfermidades. *Last but not least*, o artigo de Rafael Guimarães dos Santos discorre sobre os efeitos da ayahuasca em medidas psicométricas de “pânico,” “ansiedade,” e “desesperança,” e sobre os resultados clínicos da ayahuasca nos casos assim diagnosticados.⁵

Das manchetes do noticiário policial a objeto de estudo nas ciências sociais, o PCC (Primeiro Comando da Capital) é o tema da entrevista realizada por Bruno Paes Manso com quatro jovens pesquisadores paulistas: Adalton Marques, Camila Dias, Gabriel Feltran e Karina Biondi. O debate é oportuno, sobretudo, por propiciar o encontro de antropólogos e sociólogos em torno de um tema comum, por vias diversas.

A seção *relatos de pesquisa* conta com um artigo de Danilo César Souza Pinto sobre “homenagens públicas” relativas à nomeação de logradouros, entregas de honorárias e medalhas na cidade do Rio de Janeiro.

A revista se encerra com quatro resenhas que, de certa maneira, remetem a pontos que perpassam todos os trabalhos publicados nesta edição. Aline Scolfaro resenha o livro *Dilemas do acesso à biodiversidade e aos conhecimentos tradicionais: direito, política e sociedade*, organizado por Sandra Kishi e John Kleba. Eduardo Dullo apresenta *Sujeitos e objetos de sucesso: Antropologia do Brasil emergente*, de Diana Lima. Enquanto Jean Menezes trata do livro de Fernanda Schmuziger Carvalho sobre *Koixomuneti: Xamanismo e Prática de Cura entre os Terena*; e Carla Souza de Camargo apresenta, por fim, uma resenha do livro *Antropologia dos militares. Reflexões sobre pesquisas de campo*, organizado por Celso Castro e Piero Leirner.

Boa leitura!

Messias Basques
editor responsável

¹ ZKM | Zentrum für Kunst und Medientechnologie, Karlsruhe, <http://www.zkm.de/>

² Cf. LATOUR, P.; WEIBEL, P. (eds.) *Making Things Public: Atmospheres of Democracy*. MIT Press and ZKM Karlsruhe, Germany, 2005; Capítulo de *Introdução* disponível on-line: <http://www.bruno-latour.fr/articles/article/96-MTP-DING.pdf> [acesso em 05/04/2010]; LATOUR, P.; WEIBEL, P. (eds.) *Iconoclasm. Beyond the Image Wars in Science, Religion and Art*. MIT Press and ZKM Karlsruhe, Germany, 2002.

³ “Techniques are like seeds which bore fruit in the soil of magic.” MAUSS, M. *A General Theory of Magic*. London and Boston: Routledge and Kegan Paul. 1972 [1950], p.142.

⁴ Cf. <http://www.cultura.gov.br/site/2010/01/28/ayahuasca/> ; <http://www.obid.senad.gov.br/portais/CONAD/biblioteca/documentos/327994.pdf> [acessos em 05/04/2010]

⁵ Sobre o interesse de psicólogos e neurocientistas, cf. http://cienciaemdia.folha.blog.uol.com.br/arch2010-03-21_2010-03-27.html#2010_03-22_20_58_04-129493890-28 [link permanente]